



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NA VARIEDADE URBANA DO
PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE EM CONTEXTO MEDIAL DE VOCÁBULO**

Paloma Salles Carneiro

Rio de Janeiro

2023

PALOMA SALLES CARNEIRO

A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NA VARIEDADE URBANA DO
PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE EM CONTEXTO MEDIAL DE VOCÁBULO

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharelado em
Letras na habilitação português/Inglês.

Orientadora: Prof. Dra. Danielle Kely Gomes

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

C289m Carneiro, Paloma Salles
A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NA VARIEDADE URBANA DO
PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE EM CONTEXTO MEDIAL DE
VOCÁBULO / Paloma Salles Carneiro. -- Rio de Janeiro, 2023.
27 f.

Orientadora: Danielle Kely Gomes.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em
Letras: português - Inglês, 2023.

1. português em Moçambique. 2. Variedade urbana.
3. Sociolinguística. 4. Ditongo /ei/. 5. Contexto medial. I. Gomes,
Danielle Kely, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são diversos e para as várias pessoas que trilharam esse caminho comigo ou que passaram por ele deixando uma marca especial:

à minha família, que sempre me apoiou e me incentivou a seguir meus sonhos e a não desistir. Especialmente à minha mãe, que sendo essa mulher forte que é, sempre me motivou a persistir e sempre me ensinou a importância dos estudos. Um agradecimento mais que especial ao meu pai, que sempre esteve comigo e me apoiou nos momentos em que eu mais precisei. Pai, por mais que o senhor não esteja mais aqui conosco, sei que por onde quer que o senhor esteja, o senhor está olhando por mim e orgulhoso de mim;

à minha orientadora, Danielle Kely, que me mostrou como a fonologia pode ser incrível e me acolheu em seu projeto de pesquisa muito especial;

à minha parceira de pesquisa, Thayanna. Sou grata por termos embarcado nessa jornada juntas. Não poderia ter escolhido parceira melhor;

aos meus queridos amigos da faculdade, que tornaram a jornada muito mais leve e divertida. Agradeço por todos os momentos que passamos juntos, Adriano, Carol, Clara, Isabelle, Juliana, Karla e Thayanna;

à Faculdade de Letras, que me ensinou tanto e me acolheu por todos esses anos.

RESUMO

A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NA VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE EM CONTEXTO MEDIAL DE VOCÁBULO

Paloma Salles Carneiro

Orientadora: Prof. Dra. Danielle Kely Gomes

A variabilidade da realização do ditongo /ei/ é objeto de estudo de diversos autores consagrados, dentre os quais podem se destacar os estudos propostos para a variedade brasileira (PAIVA, 1986, 1996, 2004; BISOL, 1989, 1994; GONÇALVES, 1997; LOPES, 2002, PEREIRA, 2004, dentre muitos outros). Além dos estudos já propostos para a variedade brasileira, o português dos países africanos também tem se tornado objeto de estudo de alguns pesquisadores (SILVEIRA, 2013; PASSOS, 2018). Do ponto de vista teórico-metodológico e a partir dos princípios definidos na Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968), este trabalho busca entender o comportamento variável do ditongo /ei/ na variedade urbana do português de Moçambique em posição medial de vocábulo. O *corpus* foi estatisticamente tratado com o auxílio do programa GoldVarb-X e os dados são constituídos por 18 inquéritos que pertencem ao projeto *Corporaport*. Foram postuladas 12 variáveis para a análise das entrevistas gravadas em Maputo, em 2016: *contexto precedente ao ditongo, contexto subsequente ao ditongo, localização do ditongo na estrutura morfológica, posição do ditongo na palavra, dimensão do vocábulo, classe morfológica e tonicidade das sílabas, faixa etária, escolaridade, sexo, estatuto do português e relação entre o português e as línguas locais*. As seguintes hipóteses foram propostas para nortear o trabalho, em que se acredita que: i. as variedades do português apresentariam tendências “similares” em relação às condições linguísticas que concorrem para a implementação da variante [e]; ii. o *contexto fonológico subsequente* a /ei/ seria uma variável independente de alta relevância no processo de monotongação; e iii. a monotongação de /ei/ na variedade moçambicana seria condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Portanto, os resultados da análise mostram que, na variedade urbana do português de Moçambique, a monotongação de /ei/ em contexto medial é um fenômeno recorrente, visto que ocorre em 24,2% dos casos. Além disso, algumas tendências nos resultados podem ser apresentadas: confirmando-se uma das hipóteses propostas, considera-se que as variáveis *contexto precedente* e *contexto subsequente* são os

condicionamentos linguísticos que mais influenciam para a aplicação da variante monotongada [e]. Em contrapartida ao que era esperado, o contexto subsequente não é a variável que mais influencia para a implementação de /e/ na posição medial e na final – a tendência que se confirma, entretanto, é a da atuação de [ʒ], [r] e [ʃ] no *onset* da sílaba subsequente, sendo estas as consoantes que mais favorecem a monotongação. Confirma-se, também, que as variáveis sociais são de suma importância na implementação de [e], sendo as variáveis mais relevantes: *relação entre português e as línguas locais, sexo, faixa etária e estatuto de aquisição do português*. Por fim, pode-se afirmar que a regra é mais produtiva em posição medial do que em posição final.

Palavras-chave: Português; Moçambique; variedade moçambicana; variação, ditongo; Sociolinguística; fonologia; Teoria da Variação e Mudança.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OS DITONGOS EM PORTUGUÊS	11
a) A perspectiva de Camara Jr.	11
b) A perspectiva dos modelos mais atuais (Bisol e Collinschon)	12
3. O DITONGO EM VARIEDADES AFRICANAS – O PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ	14
4. O PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE	16
5. ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS.....	18
a) Sociolinguística variacionista	18
b) Metodologia e descrição do <i>corpus</i>	19
6. RESULTADOS	22
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
FOLHA DE AVALIAÇÃO.....	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Moçambique: distribuição dos informantes em relação à aquisição do português .	20
Tabela 2 - Distribuição das variantes	22
Tabela 3 - <i>Relação entre o português e as línguas locais</i>	23
Tabela 4 - <i>Contexto precedente</i>	23
Tabela 5 - <i>Contexto subsequente</i>	24
Tabela 6 - <i>Sexo</i>	25
Tabela 7 - <i>Faixa etária</i>	25
Tabela 8 - <i>Estatuto do português</i>	26

1. INTRODUÇÃO

A variabilidade da realização do ditongo /ei/ (como di'nejrU/di'nerU, 'beyrɐ/berɐ, 'keyʃU/'keʃU) é objeto de estudo de diversos autores consagrados, podendo-se focar nos estudos propostos para a variedade brasileira (PAIVA, 1986, 1996, 2004; BISOL, 1989, 1994; GONÇALVES, 1997; LOPES, 2002; PEREIRA, 2004, dentre muitos outros) e para a variedade são-tomense (PASSOS, 2018). Para além dessas variedades citadas e sobre as quais já se debruçam/debruçavam estudos em relação à aplicação da regra da monotongação, está a variedade moçambicana, a qual será o foco do presente trabalho.

A monotongação está presente na história da língua portuguesa. A realização variável dos ditongos pode ser explicada no âmbito fonológico com o auxílio do que é proposto por Bisol (1989, 2006), por exemplo. Para a autora, no ditongo, há uma vogal que ocupa o centro da sílaba e a(s) semivogal(is) – que pode(m) ter traços consonantais e vocálicos – assimila(m) os traços dos elementos consonantais subsequentes ao ditongo, por meio de um processo fonético chamado “espraiamento”.

O presente trabalho tem como objetivo estudar o processo de monotongação de /ei/ na variedade moçambicana. Pretende-se investigar o comportamento da variabilidade do ditongo em posição medial de vocábulo, na variedade urbana do português de Moçambique. Para isso, observam-se: i. a distribuição das expressões fonéticas que concretizam a realização de /ei/; ii. a atuação de fatores linguísticos na aplicação da variante monotongada [e]; e iii. a correlação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos para a aplicação dessa variante monotongada.

Além disso, o presente trabalho busca se aprofundar nas hipóteses que questionam se: i. as variedades do português apresentariam tendências “similares” em relação às condições linguísticas que concorrem para a implementação da variante [e]; ii. o contexto fonológico subsequente a /ei/ seria uma variável independente de alta relevância no processo de monotongação; e iii. a monotongação de /ei/ na variedade moçambicana seria condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos

Para atingir esses objetivos, os dados analisados neste estudo foram extraídos de 18 inquiridos que compõem a amostra principal do projeto Corpora de variedades do português em análise (*Corporaport*) sediado na Faculdade de Letras da cidade do Rio de Janeiro e disponível em <www.corporaport.lettras.ufrj.br>. A base teórico-metodológica empregada segue os pressupostos da teoria de variação e mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Para dar conta dos objetivos propostos pelo presente trabalho, a investigação se subdivide em cinco unidades – além desta introdução e da conclusão - para fins de explicação detalhada dos tópicos abordados. Na primeira unidade, apresenta-se um panorama sobre o comportamento dos ditongos. Na segunda unidade, discorre-se o comportamento do ditongo /ei/ nas variedades africanas, especificamente na variedade são-tomense (PASSOS, 2018). Na terceira unidade, abordam-se questões sociolinguísticas, geográficas e históricas presentes no português falado em Moçambique. Na quarta unidade, descrevem-se os aspectos teórico-metodológicos aplicados para a análise dos dados utilizados aqui. Na quinta unidade, discutem-se os resultados subsequentes da análise.

2. OS DITONGOS EM PORTUGUÊS

a) A perspectiva de Camara Jr.

O presente capítulo aborda as questões referentes ao estatuto fonológico dos ditongos, com base nas reflexões propostas por Camara Jr (2015 [1996]). O autor agrega à discussão em *Estrutura da língua portuguesa* considerações importantes que são abordadas aqui com o intuito de relacionar o ditongo e seu possível processo de redução na língua com o objeto de estudo do presente trabalho: a monotongação.

Segundo Camara Jr. (2015), o ditongo é composto por uma vogal que ocupa o núcleo da sílaba e outra vogal que ocupa a margem da sílaba (ou uma posição assilábica), ou seja, “quando a vogal, em vez de ser o centro da sílaba, fica numa de duas margens, como as consoantes. O resultado é uma vogal modificada por outra na mesma sílaba e constitui-se o que se chama o ditongo” (p. 46). Para complementar a definição de ditongos, Camara Jr (2015) distingue os chamados ditongos orais dos ditongos nasais. Segundo o autor, de modo breve, os ditongos nasais seriam aqueles que seriam compostos de vogal (ou vogais) + consoante nasal, sendo a sílaba travada por um elemento nasal seguinte à vogal (a + /N/).

O conceito de sílaba descrito por Camara Jr (2015) mostra-se importante para abordar os demais pontos discutidos em seu livro. Segundo o autor, a vogal “funciona em todas as línguas como centro de sílaba”¹ (p. 53), em que ocorre “um movimento de ascensão, ou crescente, culminando num ápice (o centro silábico) e seguido de um movimento decrescente” (p. 52). A estrutura silábica é totalmente dependente desse ápice e da possível fase crescente ou decrescente. A partir da descrição anteriormente mencionada, pode-se fazer a distinção entre os chamados ditongo crescente e decrescente: o ditongo crescente configura-se com a vogal assilábica que ocorre antes da vogal silábica e o ditongo decrescente apresenta-se quando a vogal silábica ocorre antes da vogal assilábica.

O autor também acredita que há duas questões preliminares quando o assunto é a vogal assilábica. A primeira questão refere-se à neutralização intensa observada entre as vogais, em que é possível resumir o sistema em uma oposição simples: vogal anterior alta /i/ vs. vogal posterior alta /u/, como, por exemplo, em *pai* e *pau*. A outra questão estaria relacionada à interpretação da vogal assilábica. Para Camara Jr. (2015), caso consideremos a vogal como um fonema consonântico, aumenta-se o número de consoantes na língua, mas, ao mesmo tempo,

¹ Existem línguas que admitem consoantes soantes na posição de núcleo silábico.

diminuem-se os tipos de sílabas existentes na língua portuguesa. No entanto, caso consideremos a vogal como um fonema vocálico, o contrário ocorre. Para corroborar sua visão, o autor nos atenta para o fato da possibilidade de ocorrência de /r/ brando pós-semivogal (por exemplo, na *beira*), o qual somente ocorre entre vogais. Com isso, conclui-se que somente podemos interpretar a vogal assilábica como uma vogal (ou seja, estrutura silábica CVV).

b) A perspectiva dos modelos mais atuais (Bisol e Collinschon)

No que diz respeito à organização silábica do português, além de Camara Jr., há outros autores de suma importância para a discussão: Bisol e Collinschon.

Por exemplo, Collinschon (2005) suplementa a discussão com seus apontamentos sobre a classificação da sílaba, podendo ser pesada ou leve, e sobre sua constituição. Segundo Collinschon (2005), apenas a rima contribui para determinar se uma sílaba é leve ou pesada, por exemplo, as rimas constituídas por uma vogal são sílabas leves e as rimas constituídas por uma vogal + consoante ou vogal + vogal são sílabas pesadas. Quanto à disposição dos elementos na sílaba, os elementos mais sonoros ocupam o núcleo da sílaba, enquanto os elementos menos sonoros ocupam as margens da sílaba. Para corroborar com a visão da autora, é afirmado no capítulo que: “em qualquer sílaba, o elemento mais sonoro constitui o núcleo e é precedido/seguido por elementos de grau de sonoridade crescente/decrescente”. (p. 102)

Antes de focar no ditongo em si, é necessário abordar algumas definições que Bisol (2005) sugere em *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. A autora descreve a sílaba como:

“(...) unidade fonológica, ou seja, uma unidade prosódica. E, como todo constituinte, a sílaba tem um cabeça que, em português, é sempre uma vogal, o elemento de maior sonoridade, e tem seus dominados, as consoantes ou glides que a cercam”. (BISOL, 2005, p. 231)

Bisol (1994) foca na definição e na diferenciação dos tipos de ditongos existentes na língua. Nos ditongos decrescentes, a semivogal ocupa a posição de coda na sílaba, sendo considerada, assim, como uma consoante. A autora também afirma que, no nível subjacente, todas as semivogais são vogais altas que se tornam semivogais durante o processo de silabação. Além disso, os ditongos que podem se transformar em monotongos são denominados, pela autora, de ditongos leves (também denominados de ditongos falsos ou fonéticos). O fenômeno presente nos ditongos falsos seria o fenômeno de espraçamento, visto que os elementos que sucedem as vogais são constituídos de traços consonantais e vocálicos, fazendo com que ocorra

o espraçamento do traço vocálico. Na estrutura silábica, os ditongos leves estariam ligados a apenas um elemento V, enquanto os ditongos pesados (também denominados de ditongos verdadeiros ou fonológicos) estariam ligados a dois elementos V.

Bisol (1994) defende a ideia de que diante de palatal e vibrante simples, o ditongo apresenta apenas uma vogal na estrutura subjacente. A autora acredita que contextos específicos subsequentes ao ditongo (como, por exemplo, a consoante palatal e a vibrante simples) exercem um papel significativo na influência de ocorrência ou não da monotongação. O ditongo falso, na realidade, somente ocorre por conta de uma assimilação de traços dos elementos palatais ou vibrantes (como em *peixe*). O trecho a seguir corrobora a visão da autora sobre os ditongos existentes no português: “o verdadeiro ditongo ocupa, pois, duas posições no nível CV, também chamado prosódico ou esqueleto, por vezes representado por X. O falso ditongo, ao contrário, ocupa uma só posição (...)” (p. 126)

A autora também utiliza exemplos em que ocorre a inserção do glide para contrastar com os exemplos em que ocorre a exclusão do glide, por exemplo, *vexame* e *faxina*. Bisol (1994) afirma ser impossível considerar a exclusão sem considerar a adição. Essa adição/exclusão somente comprova que a glide não está presente na estrutura subjacente de uma vogal: “(...) o nó vocálico que domina o [coronal] e abertura espraia para a esquerda, levando consigo os dominados, e como um legítimo processo de assimilação, cria um segmento. Eis aí a origem do glide”. (p. 129)

É importante considerar a visão desses autores para entender melhor como ocorre o ditongo e quais são os processos que estão envolvidos para que o ditongo ocorra e, conseqüentemente, a monotongação ocorra. Há contextos que favorecem mais a monotongação – como afirma Bisol (1994) quando se refere ao espraçamento na sílaba – e há contextos que não favorecem a monotongação. É importante entender quais são os casos, os condicionamentos linguísticos e os extralinguísticos para entender o que ocorre na variedade moçambicana do português. Os casos da variedade moçambicana se assemelham com os casos que ocorrem na língua portuguesa? Quais são os pontos convergentes e divergentes? Esses pontos serão abordados nas unidades a seguir.

3. O DITONGO EM VARIEDADES AFRICANAS – O PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

Passos (2018) apresenta o panorama da regra variável da monotongação de /ei/ na variedade urbana do português de São Tomé. No que se refere ao ditongo no português são-tomense, são encontradas convergências com o português brasileiro. Confirmando-se o que foi constatado por Bisol (1994) em relação aos ditongos falsos, a pesquisa realizada por Passos (2018) mostra que a consoante palatal e o tepe são os contextos subsequentes que mais influenciam na monotongação de /ei/. Esses foram os contextos que mais favoreceram a monotongação, corroborando a ideia de que a semivogal seria somente um traço derivado do espraçamento das consoantes palatais e vibrantes. Aqui, é importante destacar que, além das variáveis linguísticas, há uma variável de grande influência na implementação da variante [e] nos dados são-tomenses: a frequência de uso de um crioulo. Os resultados apresentados revelam que quanto maior o contato do falante com o crioulo, maior será a probabilidade de implementação de [e].

Além da monotongação nos chamados “ditongos falsos”, o fenômeno ocorre em outros contextos. Em oposição ao fenômeno de ditongação/monotongação do português brasileiro, há alguns aspectos que são encontrados no português são-tomense e que não estão presentes na variedade brasileira. Por exemplo, além dos contextos subsequentes já mencionados acima (consoantes palatais e tepe), um contexto que favorece a monotongação no português são-tomense é a presença da consoante oclusiva alveolar surda [t], um contexto não favorável à monotongação no português brasileiro.

Além disso, outras divergências podem ser constatadas. Por exemplo, a monotongação no português brasileiro é produtiva em contexto medial de vocábulo (como em *beijo/bejo*), sendo rarefeita em contexto final (como em *lei/le*). No entanto, no português são-tomense, a monotongação do ditongo /ei/ também ocorre em contexto final de vocábulos, como, por exemplo, em *fiquei* [fike]. Segundo a autora, a frequência de uso de um crioulo, especificamente a frequência alta de uso da língua local, seria uma grande favorecedora da monotongação em contexto final. Portanto, há línguas que concorrem com o português nesse território, línguas que não têm ditongos em sua composição ou que os têm de uma forma mais restrita. Por exemplo, acredita-se que o forro influencia o português falado porque o padrão de sílabas do forro é CV (sílabas abertas). Todos esses fatores, nos dados examinados por Passos (2018), mostram-se importantes ao se observar o fenômeno de monotongação de /ei/.

4. O PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE

Moçambique é um país localizado no sudeste do continente africano e sua capital, assim como a maior cidade do país, é Maputo. A área total do território é de 801.590 km² e, segundo o censo de 2017, sua população era de 27.909.798 habitantes. Moçambique tem como sua língua oficial o português, contudo, nas 11 províncias que dividem o país, fala-se concorrentemente o português e língua(s) africana(s).

Moçambique pode ser considerado um país com uma grande diversidade linguística, podendo-se afirmar, então, que o português - a língua oficial do país - coexiste com uma vasta variedade de línguas locais – línguas da família bantu. Algumas das línguas locais que concorrem com o português são: changana, tshwa, rhonga, tonga e copí. Apesar de o português ser a língua oficial do país, as demais línguas locais cumprem variadas funções nas comunidades em que são utilizadas.

Embora as línguas locais coexistam com o português e estejam presentes na vida dos falantes bilíngues, pouco conhecimento se tem sobre os aspectos fonológicos das línguas bantu. Dentre as 20 línguas bantu que foram registradas, o changana é uma das poucas que tem uma descrição mais detalhada dos processos que nela ocorrem. Dos conhecimentos adquiridos do changana, sabemos que a língua tem as mesmas semivogais que o português, [y] e [w]. No entanto, de acordo com Ngunga e Simbine (2012), a língua não se mostra favorável à realização de ditongos no geral e, para evitar que essa combinação ocorra, condições são criadas pela sintaxe ou morfologia para que a vogal seja realizada como um hiato.

No início do processo de colonização, visto que Moçambique não era a prioridade dos colonizadores, o número de falantes de português era mínimo e a língua podia apresentar *status* de L2 e língua estrangeira (LE). Nas áreas urbanas, o português apresentava um *status* similar ao uso de uma L2, enquanto, na área rural, o português apresentava um *status* similar ao uso de uma LE (PISSURNO, 2018).

Analisando-se a história de Moçambique, tanto no período pré-colonial quanto no período pós-colonial, é possível observar como o português vem aumentando consideravelmente o número de falantes, principalmente em contexto de L1. No século 15, a educação dos nativos era de total responsabilidade dos missionários, visto que Lisboa não possuía uma ambição social para com Moçambique. Por conta disso, a educação colonial foi estabelecida com o auxílio da Igreja Católica, que tinha uma missão educacional e ideológica

em vista, ou seja, o ensino era apenas destinado a colonos e a pessoas que abandonassem seus costumes, cultura e modo de viver (CHIMBUTANE, 2018).

A expansão do português ocorreu por meio do ambiente escolar. Em um primeiro momento, proibiu-se o uso, para fins educacionais, das línguas locais, afirmando a natureza seletiva e discriminatória da educação colonial. Com isso, aumentou-se o estigma das línguas locais, o que levou os habitantes a abolirem as línguas bantu de suas vidas. Por exemplo, muitos pais não falavam línguas locais em suas próprias casas e entre familiares por acreditarem que isso “contaminaria” seu português. Portanto, por conta do caráter discriminatório, das críticas e da pressão internacional quanto à abolição das línguas locais, Portugal permitiu que as línguas africanas fossem usadas para auxiliar o aprendizado do português nas escolas primárias.

Com a independência do país, em 1975, o português foi adotado como língua oficial. A língua adquiriu um *status* positivo e de prestígio e as línguas locais passam a adquirir um *status* negativo e de estigma. Muitas iniciativas relacionadas à política linguística foram incentivadas, incluindo orientações para o ensino da língua e a padronização da variedade ensinada, sendo essa variedade padrão a variedade europeia do português. Os contextos de uso do português foram ampliados, fazendo com que a população estivesse mais em contato com a língua, seja nas escolas, no trabalho, em casa e em diversos contextos sociais.

De acordo com os censos populacionais de 1980, 1997 e 2007, é possível observar um aumento considerável no número de falantes de português como L1 e L2 devido aos esforços ostensivos do governo para a expansão da língua. Portanto, esse aumento no número de falantes é mais amplamente observado na área urbana, visto que, na área rural, a expansão do ensino do português não possui a mesma intensidade. Muitos habitantes de áreas rurais têm pouco ou quase nenhum contato com a língua portuguesa e, em contrapartida, muito contato com as línguas locais.

Como é possível observar com a expansão do português em Moçambique, à medida que o número de falantes de português aumenta, o número de falantes das línguas locais diminui. As medidas tomadas pelo governo de abolir as línguas locais e o *status* negativo que as línguas locais obtiveram fizeram com que houvesse uma redução no nível de contato entre o português e essas línguas (CHIMBUTANE, 2018). Essa redução foi responsável pela restrição do processo de nativização e, com isso, é possível afirmar que a variedade moçambicana do português não está consolidada. Pode-se dizer que a descrição da variedade moçambicana é um projeto em andamento, sugerindo a realização de mais estudos linguísticos que foquem na descrição das características compostas pelo contato entre essas línguas.

5. ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

a) Sociolinguística variacionista

A Sociolinguística é o campo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade, focando em como os fatores estruturais e cognitivos somam-se àqueles de ordem social para o condicionamento de fenômenos linguísticos. A língua é considerada um fenômeno com manifestação social e, portanto, a variação é explicada através da correlação entre fatores estruturais e sociais. Para a Sociolinguística, a língua é vista como um sistema heterogêneo. Diferentemente das demais teorias linguísticas, a sociolinguística passa a estudar a língua do grupo social no que se refere à comunidade de fala – em vez de focar na língua do indivíduo/no individual. Assim, afirma-se que as escolhas linguísticas, em qualquer modalidade, podem ser influenciadas pela realidade do falante, escolaridade, idade, sexo, etc., e esses fatores ditam a maneira com a qual os falantes se expressam e avaliam os seus comportamentos linguísticos e os dos demais.

No entanto, a língua não é entendida como uma estrutura pronta, finalizada e que não permite mudanças e variações. As mudanças e as variações fazem parte da língua e, ainda que a teoria considere as mudanças e as variações, não se pode afirmar que não há sistematicidade e regras nelas. A mudança é regular porque a língua é um sistema ordenado. A língua possibilita a variabilidade, sendo, assim, um sistema heterogêneo composto tanto de regras categóricas quanto de regras variáveis que são condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos.

As mudanças são inerentes à língua e ocorrem através do tempo, podendo ser imperceptíveis para nós (WEIREINCH; LABOV; HERZOG, 1968). Portanto, cabe à Sociolinguística observar essas variações que podem levar, ou não, a uma mudança efetiva e descrever as regras que as compõem. É necessário enfatizar que ao estudar as variações na língua, a Teoria Sociolinguística não busca provar qual uso está mais correto/adequado ou errado/inadequado, mas sim indicar, por exemplo, as variantes e o significado social que elas portam, as regras envolvidas na aplicação, assim como os fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos.

b) Metodologia e descrição do *corpus*

A análise do presente trabalho tem como base a metodologia proposta pela Teoria da Variação e da Mudança (WEIREINCH; LABOV; HERZOG, 1968) e busca entender a variação que ocorre na variedade moçambicana do português no que se refere ao ditongo /ei/. O objetivo do presente trabalho é investigar qual seria o comportamento da variedade urbana da variedade moçambicana do português no que se refere: i. à distribuição das expressões fonéticas que concretizam a realização de /ei/; ii. à atuação de condicionamentos de ordem linguística na implementação da variante monotongada [e]; iii. à correlação entre as restrições linguísticas e sociais na implementação de [e]; e iv. às diferenças no comportamento variável do ditongo em função da posição que ocupa o vocábulo.

Contudo, o foco principal do presente trabalho é analisar se o estatuto do português como língua materna ou segunda língua influenciaria no processo de monotongação do ditongo /ei/. Visto que, como mencionado anteriormente, Moçambique se encontra em uma situação de amplo contato linguístico, tal fator pode exercer bastante influência na variedade moçambicana do português.

Os dados aqui analisados foram extraídos de 18 inquéritos que compõem a amostra principal do projeto *Corpora* de variedades do português em análise (*Corporaport*) sediado na Faculdade de Letras da cidade do Rio de Janeiro e disponível em <www.corporaport.letas.ufrj.br>. Os dados selecionados foram transcritos e fonologicamente analisados, determinando-se a ocorrência (ou não) do ditongo na fala dos participantes do estudo.

Analisa-se mais atentamente o *corpus* do presente trabalho após a apresentação dos aspectos teóricos e metodológicos presentes. 1159 tokens, que são compostos por ocorrências de /ei/ em posição medial, foram analisados com o auxílio do *software* Goldvarb-X, que estabeleceu os pesos relativos e as ocorrências em porcentagem dos contextos verificados.

Para o trabalho, foram postuladas 12 variáveis, sendo as linguísticas: *contexto precedente ao ditongo*, *contexto subsequente ao ditongo*, *localização do ditongo na estrutura morfológica*, *posição do ditongo na palavra*, *dimensão do vocábulo*, *classe morfológica e tonicidade das sílabas*; as sociais: *faixa etária*, *escolaridade*, *sexo*, *estatuto do português e relação entre o português e as línguas locais*.

Para analisar se o processo de monotongação é produtivo na variedade moçambicana e qual é a influência das variáveis nesse processo, algumas hipóteses foram propostas para nortear o presente trabalho. Acredita-se que:

- (i) as variedades do português apresentariam tendências “similares” em relação às condições linguísticas que concorrem para a implementação da variante [e];
- (ii) o contexto fonológico subsequente a /ei/ seria uma variável independente de alta relevância no processo de monotongação;
- (iii) a monotongação de /ei/ na variedade moçambicana seria condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Para a análise, foram distribuídos os 18 participantes de acordo com o estatuto de aquisição do português, como mostrado na **Tabela 1** abaixo.

Tabela 1 - Moçambique: distribuição dos informantes em relação à aquisição do português

		ESCOLARIDADE						
		NÍVEL BÁSICO		NÍVEL INTERMEDIÁRIO		NÍVEL SUPERIOR		
FAIXA ETÁRIA		M	H	M	H	M	H	SEXO
FAIXA A (18 a 35 anos)		L2	L1	L1	L2	L1	L1	ESTATUTO DO PORTUGUÊS
FAIXA B (36 a 55 anos)		L2	L2	L1	L1	L1	L1	
FAIXA C (55+ anos)		L2	L1	L2	L2	L1	L1	
INFORMANTES		03	03	03	03	03	03	
TOTAL		18						

Fonte: Elaboração da autora

Na unidade a seguir, serão discutidos os índices gerais da análise, a variável selecionada para cada grupo de falantes e os resultados em detalhes.

6. RESULTADOS

O estudo do processo de monotongação em contexto medial mostra a distribuição de cinco variantes encontradas na transcrição dos áudios. O fator determinante para que tais variantes fossem tratadas no presente estudo foi a frequência com a qual elas apareciam. Algumas variantes se mostraram mais relevantes do que outras e, portanto, somente as mais relevantes foram consideradas nesta análise. Na tabela a seguir, encontra-se a distribuição das variantes encontradas.

Tabela 2 - Distribuição das variantes

Variante	Apl/T
[e] [di'nerU]	280/1159 = 24,2%
[ey] [pri'meyrU]	463/1159 = 39,9%
[əy] [ˈbəyrɐ]	238/1159 = 20,5%
[ɛ] [kar'tɛrɐ]	63/1159 = 6,0%
[ə] [brazi'lɛrɐ]	99/1159 = 8,5%
[i] [ri'tor]	6/1159 = 0,5%
[ɛy] [rey]˜peytU]	4/1159 = 0,3%

A variante [e], como em [di'nerU], ocorre em 24,2% dos casos em posição medial de vocábulo, enquanto a variante [ey], como no caso de [pri'meyrU], ocorre em 39,9% dos casos em posição medial de vocábulo. Já a variante [əy], que é exclusivamente encontrada na

variedade do português analisado, ocorre em 20,5% dos casos na posição medial. Demais variantes são encontradas, [əy], [ɛ], [ə], [i] e [ɛy], porém é dado foco na oposição entre [ey], [əy] e [e].

Como foi possível observar na tabela da distribuição das variantes, o processo de monotongação do ditongo /ei/ mostrou-se recorrente nos dados analisados. A monotongação ocorreu em 24,4% dos casos em posição medial de vocábulo. Os dados recolhidos serão mais detalhadamente estudados a seguir.

Nos resultados em posição medial de vocábulo, as variáveis estatisticamente relevantes para a aplicação da regra são: *relação entre o português e línguas locais, contexto precedente, contexto subsequente, sexo, faixa etária e estatuto do português* (L1 ou L2, por exemplo).

Tabela 3 - Relação entre o português e as línguas locais

	APL/T	PR
Usa mais o português do que línguas locais	29/220 = 13,20%	<u>.273</u>
Usa tanto o português quanto línguas locais	110/540 = 20,4%	<u>.538</u>
Usa mais línguas locais do que o português	141/221 = 63,8%	<u>.647</u>

Fonte: Elaboração da autora

Como é possível observar a partir da tabela 3 em relação à variável extralinguística apresentada, os falantes que usam mais línguas locais do que o português tendem a monotongar mais do que os falantes que usam mais o português do que línguas locais. Essa relação do uso de línguas locais com a monotongação pode ser estabelecida devido à tendência das línguas bantu de adotar estruturas mais complexas. Portanto, esses dados corroboram o fato de que os falantes que estão mais em contato com a língua portuguesa seriam aqueles que estariam mais em contato com variedades mais próximas do português europeu, variedades em que o processo de ditongação é algo recorrente.

Já no que se refere à variável linguística *contexto precedente*, pode-se observar:

Tabela 4 - Contexto precedente

	Exemplo	Apl/T	PR
[ɲ]	[di'ɲerU]	82/101 – 81,2%	<u>.891</u>
[t]	[sow'terU]	13/34 – 38,2%	<u>.526</u>
[d]	[ˈdeʃo]	44/129 – 34,1%	<u>.586</u>
[m]	[pri'merə]	40/101 = 28,4%	<u>.513</u>
[s]	[ter'serə]	32/146 = 21,9%	<u>.576</u>
Outros	[brazi'leruʃ]	32/430 = 16%	<u>.326</u>

Fonte: Elaboração da autora

Na tabela 4, há a distribuição dos dados encontrados em relação ao *contexto precedente*. A nasal palatal é o contexto que mais favorece a implementação de [e], apresentando um peso relativo de .891, seguido de [d], [s], [t] e [m]. Contudo, os valores de peso relativo para [d], [s], [t] e [m] estão próximos ao ponto neutro (.500). E os resultados parecem sugerir, na verdade, que o que governa aqui é a questão da palavra sobre a qual incide a monotongação, visto que a nasal palatal pode ser o contexto que mais favorece a implementação de [e] porque aparece recorrentemente no item “dinheiro”.

Assim como o *contexto precedente*, o *contexto subsequente* mostrou-se uma variável relevante para a implementação de [e], como é possível observar a partir da tabela 5 a seguir.

Tabela 5 - Contexto subsequente

	Exemplo	Apl/T	PR
[ʒ]	[ˈbeʒo]	6/12 = 50%	<u>.716</u>
[r]	[pri'merə]	199/455 = 43,7%	<u>.695</u>
[ʃ]	[ˈdeʃo]	27/96 = 28,1%	<u>.525</u>
Ataques vazios	[aw'dəʃ]	15/123 = 12,2%	<u>.306</u>
Outros	[ˈsetɐʃ]	33/293 = 11,3%	<u>.267</u>

Fonte: Elaboração da autora

Como os condicionamentos mais consistentes para a implementação da variante monotongada, os contextos precedentes e subsequentes são relevantes para a implementação de

[e]. Como se pode observar, as fricativas palatais [ʒ] e [ʝ] favorecem o processo de monotongação, apresentando pesos relativos de .716 e .525, respectivamente. Nos casos do tepe [r], cuja presença já era prevista como uma restrição relevante para o processo (PASSOS, 2018), o peso relativo é de .695. Além disso, considera-se os casos em que há ataque vazio, com um peso relativo de .306, e os outros contextos, com um peso de .267.

Tabela 6 - Sexo

	Apl/T	PR
Masculino	138/361 = 38,2%	<u>.687</u>
Feminino	142/620 = 22,9%	<u>.388</u>

Fonte: Elaboração da autora

Como pode ser observado na tabela 6, a variável *sexo* se mostra relevante para a implementação de [e]. Analisando-se a tabela, pode-se afirmar que os indivíduos do sexo masculino, com um peso relativo de .687, estão mais favoráveis à monotongação do que os indivíduos do sexo feminino, com um peso de .388.

Tabela 7 - Faixa etária

	Apl/T	PR
18 a 35 anos	113/276 = 40,9%	<u>.728</u>
36 a 55 anos	74/331 = 22,4%	<u>.365</u>
Mais de 56 anos	93/374 = 24,9%	<u>.441</u>

Fonte: Elaboração da autora

No que se refere à *faixa etária*, os indivíduos mais jovens (entre 18 e 35 anos) são os que mais estão suscetíveis à aplicação da variante monotongada. O peso relativo é de .728 em indivíduo mais jovens, em oposição aos indivíduos mais velhos – mais de 56 anos, por exemplo -, em que o peso é de .441. A diferença entre as duas faixas etárias mais extremas do quadro prova que os indivíduos mais jovens estão, no geral, mais propensos às inovações das línguas,

enquanto os indivíduos mais velhos se mostram menos propensos às inovações, sendo mais conservadores quanto às variações encontradas nas línguas no geral.

Tabela 8 - Estatuto do português

	Apl/T	PR
L1	112/679 = 16,9%	<u>.404</u>
L2	168/302 = 55,6%	<u>.706</u>

Fonte: Elaboração da autora

Como mencionado anteriormente, os moçambicanos encontram-se em um contexto de pluralidade linguística, tendo contato com a língua portuguesa e outras demais línguas africanas locais. Por conta disso, a variável *estatuto do português* foi considerada no estudo realizado.

Por conta disso, é possível dizer que, apesar da difusão do ensino da língua portuguesa em Moçambique, a educação se faz, em sua maior parte, por indivíduos que não são, em muitos dos casos, falantes de português como L1 (língua materna). Com o contato entre as línguas, a monotongação tende a ocorrer, visto que os falantes bilíngues tendem a implementar mais a monotongação do que os demais.

Como se pode observar a partir dos dados da tabela 8, os indivíduos que se identificam como falantes do português como L1 mostraram-se menos suscetíveis à monotongação do que os indivíduos que se identificam como falantes do português como L2 (segunda língua). Os dados refletem a realidade da língua falada no país. Os falantes de português como L1 estão em contato com a língua em diversos ambientes: contextos familiares, sociais, empregatícios e escolares, por exemplo. O contato com a língua se mostra muito mais intenso e recorrente e, muitas das vezes, o uso de línguas locais é evitado ou banido.

Já os falantes de português como L2 encontram-se em uma realidade diferente. Muitos desses falantes têm um contato mais escasso com o português, podendo até mesmo ter contato com variedades mais afastadas das variedades prestigiadas da língua. Além disso, há uma relação forte de identidade com as línguas locais, fazendo com que muitos evitem usar o português em suas casas e o utilizem, apenas, em contextos necessários, como empregatícios, de negociação, escolares, etc.

A tabela 8 remete a uma realidade do português que difere do português brasileiro, por exemplo, em que a monotongação é intrínseca à língua. Em casos em que o ditongo /ou/ é estudado, observa-se que a monotongação é praticamente categórica. Pode-se estar caminhando para uma realidade parecida no português de Moçambique, como também é possível que os níveis de monotongação não sejam tão elevados a ponto de se tornarem uma regra categórica. Mais estudos acerca de outros ditongos presentes na língua devem ser feitos para a comprovação dessa hipótese.

Por fim, é importante ressaltar que as línguas africanas carecem de estudos linguísticos que se aprofundem quanto a questões fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas. Impedindo, portanto, uma análise mais aprofundada de quais aspectos específicos da variedade moçambicana advêm das línguas locais. Sabe-se, entretanto, que as línguas crioulas não têm ditongo em sua estrutura linguística e, se caso os tenham, é de uma forma bem limitada (PASSOS, 2018) – aspecto que pode ser de bastante influência na monotongação.

A proposta de mais estudos das línguas africanas pode auxiliar nas futuras análises feitas. O entendimento das outras línguas que concorrem com o português em Moçambique é fundamental para que linguistas possuam mais parâmetros para as análises de dados.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do presente trabalho, chega-se a certas considerações. O processo de monotongação é um fenômeno recorrente na variedade urbana do português falada em Moçambique visto que ocorre em 24,2% dos casos. Além disso, os resultados apresentados mostram as seguintes tendências:

- (i) as variáveis *contexto precedente* e *contexto subsequente* são os condicionamentos linguísticos que mais influenciam para a aplicação da variante monotongada /e/, o que confirma o que foi postulado na hipótese;
- (ii) em contrapartida ao que era esperado, o *contexto subsequente* não é a variável de mais influência para a implementação de [e], na posição medial e na final. A tendência que é confirmada em posição medial de vocábulo – a mesma que é verificada em outras variedades do português – é em relação à atuação de [ʒ], [r] e [ʃ] no *onset* da sílaba subsequente, sendo as consoantes que mais influenciam no fenômeno da monotongação;
- (iii) as variáveis sociais são estaticamente importantes quando se trata da implementação de [e]. Sendo em posição medial, as variáveis mais relevantes (em ordem crescente de mais relevante para menos relevante): *relação entre o português e as línguas locais, sexo, faixa etária e estatuto de aquisição do português*;
- (iv) é possível afirmar que a regra é mais produtiva em posição medial (ocorrendo em 28,5% dos casos) do que em posição final (ocorrendo em 18,6% dos casos).

Assim, confirma-se que a regra da monotongação também é aplicável na variedade em Moçambique, se assemelhando e diferenciando, em alguns aspectos, à forma com a qual o fenômeno ocorre em outras variedades do português, como, por exemplo, na variedade de São Tomé (PASSOS, 2018).

Contudo, é importante ressaltar que esses estudos das variedades africanas são recentes e carecem de análises mais aprofundadas sobre as línguas autóctones presentes na região, as quais convivem com a variedade moçambicana. Portanto, um estudo mais aprofundado dessas línguas autóctones – as denominadas línguas bantu no presente documento – seria um importante passo a ser considerado como uma etapa futura, assim como a comparação dos resultados obtidos com as análises da variedade moçambicana com as demais variedades do português.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A**, v.5, n.2, p. 185-224, 1989.
- BISOL, L. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A**, v.10, n. especial, p. 123-140, 1994.
- CÂMARA Jr, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2019 [1970].
- CHIMBUTANE, F. Portuguese and African languages in Mozambique: a sociolinguistic approach. In: ÁLVARES LOPEZ, L.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J. (eds). **The Portuguese language continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam/Philadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 89-110.
- CLEMENTS, G.N. The geometry of phonological features. **Phonology Yearbook**. number 2, 1985. p. 225-252.
- COELHO, I. L. et *alii* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, pp. 99-131.
- GONÇALVES, C.A. Ditongos decrescentes: variação & ensino. **Revista de Estudos da Linguagem**, v.6, n.5, p. 159-192, jan/jul 1997.
- GONÇALVES, P. O português em África. In: RAPOSO, E. B. P. et *alii* **Gramática do português**. Vol. I. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013. p. 157-178.
- LOPES, R. **A realização variável do ditongo /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Belém: Universidade Federal do Pará, 2002.
- MATZENAUER HERNANDORENA, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org). **Introdução aos estudos de Fonologia do português Brasileiro**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 11-89.
- NESPOR, M; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**: with a new foreword. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.
- NGUNGA, A; SIMBINE, M.C. **Gramática descritiva da língua changana**. Maputo: Centro de Estudos Africanos/Universidade Eduardo Mondlane, 2012.
- PAIVA, M.C. Nova abordagem de velhos fenômenos. **Boletim da Abralin** 15. 1994, p. 262-267.
- PAIVA, M. da C. O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M.E. (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, pp. 31-46.

PASSOS, R. R. O ditongo /ei/ na fala de São Tomé. In: BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Duas variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas**. São Paulo: Blucher, 2018, pp. 177-200.

PEREIRA, G. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

PISSURNO, Karen Christina da Silva. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do português: uma abordagem sociolinguística**. 2017. 213 fls. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2017.

PISSURNO, Karen Christina da Silva. O perfil multilíngue de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (org). **Duas variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas**. São Paulo: Blucher, 2018, p. 75-91.

RIBEIRO, Pe.A. Dicionário gramatical changana. Maputo: Edições Paulínas, 2016.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H. v. D.; SMITH, N. (orgs). **The structure of phonological representation**. (part. II). Foris: Dordrecht, 1982. p. 337-383.

SITOE, B. **Dicionário changana-português**. Maputo: Texto Editores, 2011.

WEIREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

PALOMA SALLES CARNEIRO

DRE: 117282884

**A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NA VARIEDADE URBANA DO
PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE EM CONTEXTO MEDIAL DE
VOCÁBULO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharelado em Letras na habilitação português/
Inglês.

Data de avaliação:

Banca examinadora

Presidente da banca examinadora

NOTA: _____

Leitor Crítico

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinaturas: _____
